
“ENTRELAÇADAS, JUNTAS E MISTURADAS!”: A UTILIZAÇÃO DO MAPA DA REDE SOCIAL EM PESQUISAS QUALITATIVAS COM DOMÉSTICAS MIGRANTES

“INTERTWINED, TOGETHER AND MIXED!”: THE USE OF THE SOCIAL NETWORK MAP IN QUALITATIVE RESEARCH WITH MIGRANT DOMESTICS

Guélmer Júnior Almeida de Faria¹

<http://lattes.cnpq.br/2352838003809047>
<https://orcid.org/0000-0003-2089-3064>

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula²

<http://lattes.cnpq.br/6449913303324148>
<https://orcid.org/0000-0003-2586-4043>

Recebido em: 10 de novembro de 2021

Aceito em: 17 de fevereiro de 2022

RESUMO: As pesquisas sobre migração e gênero concentram-se, principalmente, nas modificações e nos desdobramentos nos modos de vida, das mulheres nos seus lugares de origem e destino. Já a metodologia, no caminho percorrido para chegar aos resultados, quase não é abordado em sua especificidade. Este artigo propôs uma abordagem construcionista para a compreensão do papel das redes sociais pré-estabelecidas, de caráter formal ou informal e de como estas redes operam nos processos da integração das domésticas migrantes. Apresentam-se aqui os resultados do estudo qualitativo junto a um grupo de domésticas, composto por mulheres do norte de Minas Gerais. O desenho metodológico segue uma combinação de instrumentos de pesquisa, com destaque, para o Mapa da Rede Social. O estudo das narrativas explora as dimensões da vida e do trabalho ancorada na Análise de Conteúdo. Os resultados da pesquisa permitem identificar as relações que se estabelecem em torno das redes sociais pessoais significativas das domésticas migrantes, a configuração familiar e a centralidade do trabalho doméstico, quando positivas contribuem para manter o capital migratório e obter sucesso almejado pela mulher que migra. O mapa da rede social revelou-se um desafio para a compreensão sociológica, sendo necessário cruzá-lo com entrevistas em profundidades e outras técnicas metodológicas utilizadas na oficina.

Palavras-chave: Trabalho Doméstico. Migração. Redes. Mapas Sociais. Método Qualitativo. Norte de Minas Gerais.

ABSTRACT: The research on migration and gender focus mainly on the changes and developments in the ways of life of women in their places of origin and destination. The methodology, on the other hand, on the path taken to reach the results, which is hardly addressed in its specificity. This article proposed a constructionist approach to

¹ Pesquisador do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Viçosa (IPPDS/UFV). Doutor e Mestre em Desenvolvimento Social no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: guelmerjrf@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Doutora e Mestra em Geografia (Geografia Humana) no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: andrapirapora@yahoo.com.br.

understand the role of pre-established social networks, formal or informal, and how these networks operate in the integration processes of migrant housewives. Presented here are the results of a qualitative study with a group of maids, composed of women from northern Minas Gerais. The methodological design follows a combination of research instruments, especially the Social Network Map. The study of the narratives explores the dimensions of life and work anchored in Content Analysis. The results of the research allow us to identify the relationships that are established around the significant personal social networks of migrant maids, the family configuration and the centrality of domestic work, when positive, contribute to maintaining migratory capital and achieving success desired by the migrating woman. The social network map proved to be a challenge for sociological understanding, and it was necessary to cross-reference it with in-depth interviews and other methodological techniques used in the workshop.

Keywords: Domestic Work. Migration. Networks. Social Maps. Qualitative Method. North of Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um exercício de matriz construcionista, para discorrer sobre um grupo de mulheres em diáspora, em uma região diaspórica: a região Norte de Minas Gerais. Estereotipada como espaço de expulsão, todavia, “[...] as pesquisas sobre migrações não abrangem dados censitários que confirmem ou que refutem a perda migratória”, como aponta Fonseca (2015, p. 20).

Nesse viés, utilizamos a categoria diáspora, de acordo com Stuart Hall (2009), que revela, com a migração caribenha para a Grã-Bretanha, que o “sair do seu lugar” significou o conceito de diáspora e aprofundamento na questão do hibridismo, das reconfigurações e da própria cultura caribenha. Hall (2009) chama-nos atenção ao mostrar que as lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos, no cenário político e cultural, demandam a construção de espaços contra hegemônicos de vida e trabalho do(a)s migrantes. Lugares que podem ser construídos no processo migratório, entre sair de um lugar e chegar em outro, na busca de mundos sonhados, idealizados na dimensão da “dura realidade vivida” e no constante simulacro da modernidade, buscada na urbanidade de forma utópica. François Ost (2005, p. 373-374) sinaliza que o mundo está cada vez mais distópico, “reivindicando Max Weber (2004) e o desencantamento do mundo estimulado pela modernidade, sugeriu que em algumas dimensões da vida social moderna, algumas utopias tomariam a forma de ‘mundos pouco habitáveis pelo homem’, produtos de ‘desregramentos do espaço, do tempo, do direito’ – distopias”.

Partindo de um fato social muito presente no cotidiano dos habitantes dos municípios rurais da região norte de Minas Gerais que é o recrutamento de trabalhadoras para Montes Claros (cidade polo) e grandes centros urbanos, para atuarem como domésticas, é importante salientar que pesquisas recentes têm destacado o crescimento e a relevância das mulheres, sobretudo trabalhadoras domésticas, nos circuitos migratórios contemporâneos (MARINUCCI, 2007; GRIECO; BOYD, 2003).

Tudo isto aponta para possibilidades de desdobramentos na própria prática acadêmica, sobretudo no âmbito das pesquisas sobre migrações, em uma mirada no campo de uma Sociologia Pública, feita a partir dos sujeitos e construída pelos sujeitos à margem do fazer

científico: as mulheres, o(a)s negro(a)s, o(a)s migrantes, o(a)s idoso(a)s, as crianças, o(a)s refugiado(a)s, etc.. A sociologia pública “orgânica” suporia um processo de mútua educação entre o sociólogo e o público. O sociólogo trabalha em estreita conexão com um público visível, denso, ativo, local e, via de regra, na contracorrente (BURAWOY, 2005) sobretudo, com sujeitos submetidos a diferentes formas sobrepostas de discriminação (interseccionalidade), envolvendo marcadores de classe, gênero, raça, etnia, geração, deficiências, etc., como o caso de mulheres trabalhadoras domésticas, no Brasil. São trabalhadoras que, nos marcos da colonialidade, são, na maioria, mulheres racializadas, arregimentadas para executar “[...] o trabalho que Hsiao-Hung Pai (2004) define como 3-D (“dirty, dangerous and degrading”) – sujo, perigoso e degradante” (BERNARDINO-COSTA, 2012, p. 448).

Diante disso, a fim de contribuir para a contextualização da temática, evidencia-se que as redes sociais podem colaborar para o bem-estar e a integração social das domésticas migrantes respectivamente ao processo de adaptação em um novo contexto cultural. Esse fato sinaliza para a estreita relação com a Análise de Redes Sociais (ARS) e sua utilização nas Ciências Sociais Brasileira. Higgins e Ribeiro *apud* Rezende (2020, p. 95) “afirmam que para Georg Simmel a existência da sociedade se dá onde há ação e agir recíproco e isso implica exercer e sofrer efeitos”.

Uma rede social é, para Silva e Zanata Júnior (2012, p. 117), “um conjunto de atores ligados por uma relação [...]; uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos vínculos diretos e indiretos [...] entre os atores”. Nesse sentido, qualquer conjunto de atores (indivíduos, organizações, empresas, nações, etc.), que apresentem relações entre si, pode ser conceituado como constituindo uma rede social e, assim, analisado a partir da metodologia de Análise de Redes Sociais.

A definição da rede social é o “nicho interpessoal da pessoa”, indicando que a rede coopera de forma substancial para o autorreconhecimento e para a autoimagem do indivíduo. “A rede pessoal social é a soma de todas as pessoas que o indivíduo percebe ou sente como significativas ou diferentes do universo relacional no qual está inserido” (SLUZKI, 1997, p. 42).

Nesse sentido, as redes sociais são “fenômenos reticulares” (ELIAS, 1994), costuradas mediante as relações sociais no cotidiano das sociedades. Logo, a rede conforma a totalidade das relações entre indivíduo e sociedade, entre as diferentes trajetórias que os indivíduos tecem na imensa teia de contatos através da amizade, no trabalho, na rua, na festa, enfim, nos lugares e nos diferentes tempos das relações que são estabelecidas no dia a dia.

Portanto, as redes são de sociabilidade, segundo Georg Simmel (2002, 2006), sustentadas pelas análises de redes sociais. Cabe frisar que as decodificações das estruturas, pelas interações sociais, são o objetivo da nossa apreciação. É a necessidade de manter contato, de estar junto, de pertencer a algo e de estar em sociedade que tem origem a sociabilidade entre os indivíduos. Simmel (2002) afirma que é a sociabilidade que condiciona a sociedade e os sujeitos sociais à procura de melhor convivência, interação, socialização e associação, através das relações sociais, estabelecidas no espaço, que aqui são representadas pelas redes sociais.

Assim, utilizando a Análise de Redes Sociais (ARS), como método analítico, foi possível traçar mapas das redes pessoais de cada uma dessas mulheres informantes e, a partir deles,

estabelecer as conexões e o peso de cada rede para a configuração, formação e os conteúdos das redes migratórias.

Nesse viés, a ideia de pautar a metodologia em uma abordagem qualitativa da rede social pessoal significativa emerge do construcionismo (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014), em que os sujeitos pesquisados produzem seus sentidos através das vivências de suas trajetórias de vida, os cursos das suas vidas e as narrativas de suas histórias vividas. Para os autores, o que se produz pelas participantes da pesquisa “são construções conversacionais dialógicas” (SPINK, MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33). Compreende-se o grupo social como um lugar discursivo de negociação, destacando-o como espaço de práticas discursivas, no qual destacam-se os aspectos relacionais da construção de narrativas de si.

Mikhail Bakhtin³ entende que o ser humano só pode ser estudado como produtor de textos, como sujeito que tem voz, nunca como coisa ou objeto e, nesse sentido, o conhecimento só pode ter caráter dialógico. Conhecimento dialógico é acontecimento. O fazer da pesquisa, portanto, perpassa na metodologia qualitativa o acontecer da vida, no cotidiano, no fazer e no agir das ações sociais, realizadas no dia a dia, entre e com relações estabelecidas de contatos primários e secundários, ou seja, é encontro (FIORIN, 2006). Portanto, as domésticas migrantes podem ser consideradas uma unidade heterogênea, aberta a troca produzida por sua participação nos jogos sociais e pela linguagem construtora de sentidos e significados atribuídos às suas realidades (MORÉ; CREPALDI, 2012). São práticas sociais de caráter discursivo, por meio das quais as domésticas produzem sentidos sobre fenômenos a sua volta e posicionam-se nas relações sociais cotidianas (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014).

Nessa empreitada, pesquisador(a) e pesquisado(a)s são ambos produtores(as) de texto, conferindo às Ciências Humanas e Sociais um caráter dialógico. Uma primeira consequência disso é o que o texto do pesquisador(a) não deve emudecer a produção textual-visual do pesquisado(a), mas deve restituir as condições da enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Logo, para o estudo do fenômeno social que foi estabelecido nessa pesquisa, as análises de redes sociais relacionais só fazem sentido no “reconhecimento pelo outro” (RODRIGUES; ALFONSO; RIETH, 2017), numa determinada situação vital, por meio da compreensão e aceitação de suas emoções, dificuldades e opiniões ou por comportamentos e ações, seja de ajuda material, seja de conselhos, evidenciando a importância do papel e das funções que as redes sociais desempenham junto às trabalhadoras domésticas, sua família ou grupos sociais aos quais pertencem.

Neste trabalho, os mapas sociais são apresentados e os resultados são discutidos, com a intenção de demonstrar o importante papel que as redes sociais podem apresentar para o processo migratório feminino, uma vez que, conhecendo as redes por onde se desenrolam as interações das domésticas, é possível entender sua configuração. A partir daí, será possível estabelecer a dinâmica processual migratória das “redes das domésticas”.

³ Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) é um teórico da linguagem. Para este autor, o que importa para o pesquisador das Ciências Humanas e Sociais é como as produções de textos se constituem, sua conexão e interação com as atividades humanas, ou seja, seu processo de produção. Isto quer dizer que os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social (FIORIN, 2006).

METODOLOGIA

Interessou-nos analisar e compreender especialmente a interpretação das mulheres migrantes, individual ou coletivamente, envolvidas com o processo migratório. Para isso, o trabalho de campo foi constituído de quatro etapas, num sentido progressivo de apreensão dos elementos empíricos: a primeira teve finalidade exploratória; a segunda contou com a realização de uma oficina; a terceira enfatizou a confecção dos mapas de redes sociais; e a última priorizou as entrevistas individuais.

A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, em que os instrumentos metodológicos adotados foram: 1) Oficina “Redes de Migração e Trabalho Doméstico”; 2) Mapas da Rede Social e 3) Entrevistas em Profundidades. Destaca-se que esse estudo foi realizado no projeto: “**Do sertão para outros mundos:** as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais”, financiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)⁴, certificado pela resolução do CEPEX sob o nº. 215/2016 e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, inserido no grupo de pesquisa OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco/CNPQ.

O local de estudo escolhido foi a cidade de Montes Claros/MG, no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), do bairro Village do Lago I, no período de agosto a setembro de 2018. Foram realizadas visitas ao CRAS para a proposição da atividade, junto a equipe de servidores municipais responsáveis pela unidade, bem como visitas às casas das mulheres para que elas conhecessem o objetivo da oficina proposta, bem como estabelecessem o melhor horário e dia para a execução da atividade. Foi através desse contato que foi possível a realização das entrevistas em profundidade.

Inicialmente, foram selecionadas seis mulheres, convidadas a partir do contato com o CRAS. A seleção ocorreu de forma aleatória, em função do interesse demonstrado em participar da atividade e as características de já terem migrado do rural para o urbano. Estas mulheres, com idade entre 23 a 44 anos, foram reunidas neste CRAS em função das atividades desenvolvidas na unidade terem ligações com mulheres migrantes, além de a unidade ser próxima das suas residências.

No Quadro 1, constam os dados sociodemográficos das participantes da pesquisa. Observa-se que todas são oriundas de municípios menores que Montes Claros e que a maioria tem uma distância de no máximo 3 horas entre o lugar de origem e a cidade de Montes Claros. São mulheres jovens, com baixa escolaridade e com tempo de migração maior que 05 anos, o que sugere uma migração permanente em relação ao município de origem.

⁴ Foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, conforme determina a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Aprovação CEPEX – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº. 020/2017. Todas as participantes foram informadas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constando a gravação, o direito e uso de imagem e/ou informações por elas prestadas, lido e assinado, assim como a divulgação dos resultados com finalidades acadêmicas.

Quadro 1: Dados sociodemográficos das domésticas participantes da pesquisa, bairro Village do Lago I, Montes Claros-MG, 2018.

Nome*	Idade	Escolaridade	Ocupação	Município de origem	Tempo de moradia**
Rosa	31 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	Janaúba-MG	22 anos
Violeta	27 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	Itacambira-MG	10 anos
Hortência	41 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	São João da Ponte-MG	32 anos
Margarida	43 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	Capitão Éneas-MG	30 anos
Magnólia	44 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	São Francisco-MG	27 anos
Íris	23 anos	Fundamental Incompleto	Doméstica	Mirabela-MG	4 anos

* Todos os nomes são fictícios e designados por nomes de flores. A pesquisa seguiu todos os preceitos do Código de Ética de pesquisa com seres humanos conforme prevê a resolução 466/2012, garantindo o respeito e autonomia dos participantes, a justiça e equidade (Brasil, 2012). Todas as participantes assinaram e concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

** Tempo de moradia no destino atual. Muito desse tempo está relacionado ao tempo de trabalho, ou seja, coincide com a migração para o trabalho doméstico no lugar de destino.

Fonte: FARIA (2019).

Desta forma, elegemos a oficina que, segundo Bernardina Leal (2006, p. 70), “materializa [...] a arte do envolvimento, uma vez que ocupa espaços públicos. Se faz coletiva. Expõe-se. Não teme ser contaminada por pessoas. Ao contrário, precisa delas. Constitui-se de palavras, ideias, emoções e sentimentos carentes de corpos para encarnar”.

A oficina envolveu três momentos: um primeiro momento, a dinâmica do barbante, cuja finalidade era reconhecer-se enquanto pertencente a um grupo e o entrelaçamento do barbante evidenciaria uma rede; o segundo, foi a transmissão de cenas do filme **Domésticas**⁵ e, posteriormente, levantadas algumas questões relativas às condições de trabalho das empregadas domésticas; e o último momento, a construção de uma mapa de rede social pessoal que revelaria quem são as pessoas que são significativas e importantes (que se pode contar) para elas.

Após a atividade da oficina, foi realizada entrevistas em profundidade com as participantes. Entendemos que a entrevista em profundidade, segundo Moré (2015), respeita às devidas adequações para o contexto individual e grupal, visto que permitem trazer à tona informações de ângulos diferentes tanto do contexto, como sobre o fenômeno investigado, o que permite a melhor compreensão e integralização dos dados e o momento da ocasião do seu processo de análise. Nesse sentido, considera-se a utilização de ambos os instrumentos metodológicos (a entrevista e a oficina) como uma combinação necessária, visando a melhor contextualização dos dados encontrados nos mapas. Além disso, considera-se que a

⁵ De Fernando Meirelles, em codireção com Nando Olival, 2001. Tematiza o trabalho doméstico, tendo como protagonistas cinco empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias de classe média, em São Paulo, no ano de 2001: Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida. Partindo deste cenário, o filme traz consigo mensagens simbólicas do universo doméstico.

observação, as atividades lúdicas na oficina e a entrevista foram fundamentais para a construção do mapa e análise das redes descritas nos mapas.

As análises das narrativas concatenam-se com a análise do conteúdo, preconizada por Bardin (1977). O autor considera que a análise do conteúdo é “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação” (BARDIN, 1977, p. 96), com o objetivo de compreender a fala dos sujeitos pesquisados, a partir de suas concepções, expectativas, opiniões e condutas.

Através da exposição dialógica, das entrevistas e das narrativas das participantes migrantes domésticas, na oficina, foi possível a confecção das redes sociais de cada uma dessas mulheres, construindo um importante instrumento para o estudo da importância dos contatos, relações sociais, estabelecidas na configuração do mapa social. A metodologia baseada no diálogo, em ouvir as mulheres, e na escuta das suas relações e indagações sobre o processo de migração foram elementos constitutivos que auxiliaram na elaboração de um mapa social, mais próximo possível da realidade vivenciada pelas migrantes pesquisadas. A análise de dados deste estudo é proveniente da produção textual-visual feita com as participantes da oficina, que vivenciam fase permanente do processo da migração e do ciclo vital familiar adulto.

ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS): A CONFIGURAÇÃO DO MAPA DA REDE SOCIAL

Nesta sessão, são contextualizadas as redes sociais pessoais significativas das domésticas, elaboradas como atividade final da oficina de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico”⁶, com base na configuração do mapa da rede social e com a finalidade de produzir o sentido da trama da vida dessas mulheres. Além disso, visa a compreender o fenômeno migratório em questão, através dos vários aspectos, desde o ato de migrar até a adaptação (por meio da inserção no mercado de trabalho, das relações familiares e em comunidade) e quais os conteúdos e os tipos de apoio, ajuda e recursos são acionados. A trama da vida, foi importante para a contextualização das mulheres, atividade empírica pensada para experienciar o enredo de suas vidas, através do novelo de lã e onde cada uma participante entregava para outra e, assim, ia se tecendo uma trama de enredos entre e com outras pessoas que são importantes no processo de migrar e fixar. Assim, pensar as linhas, tecendo as redes na complexidade do viver humano, como repetido em muitas narrativas: “*Estamos entrelaçadas!*”.

Um dos instrumentos qualitativos para visualizar as redes sociais pessoais significativas foi proposto por Carlos Sluzki, denominado de Mapa da Rede Social. Para o autor a “rede social pode ser registrada em forma de mapa mínimo que inclui todos os indivíduos com os quais interage uma determinada pessoa” (SLUZKI, 1997, p. 41). Com base neste enunciado, elaborou-se um mapa mínimo da rede social de uma determinada pessoa, configurado em

⁶ Reconhece-se as ambíguas relações que o trabalho doméstico traz entre patrões/as e empregadas domésticas, tanto do ponto de vista legal quanto das relações interpessoais. Dado a limitação de espaço e tempo, essa discussão não será abordada neste artigo, embora, na fala das participantes essas relações são pujantes e latentes.

quatro quadrantes que subdividem em três círculos, com aspectos considerados fundamentais para a compreensão do processo investigado.

O mapa elaborado foi (Figura 1) dividido nos seguintes quatro quadrantes:

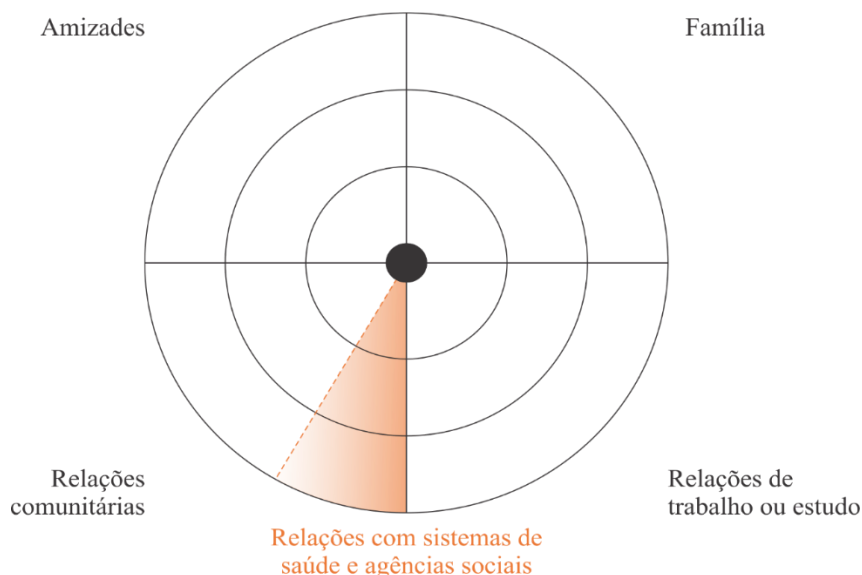
- a) Família;
- b) Amizades;
- c) Relações de Trabalho ou Escolares;
- d) Relações Comunitárias, de Serviços Assistenciais ou Instituições Religiosas

Esses quadrantes subdividem-se em três círculos:

- 1) O círculo interno de relações íntimas que inclui: familiares diretos com contatos próximos e amigos;
- 2) O círculo intermediário de relações pessoais com menor grau de compromisso: relações sociais e profissionais com contato pessoal, porém, sem intimidade, amizades sociais e familiares intermediários;
- 3) O círculo externo de conhecidos e relações ocasionais: conhecidos de escola ou trabalho, bons vizinhos, frequentadores da mesma instituição religiosa, clube, academia de ginástica, etc..

Os quadrantes e círculos possibilitaram a compreensão da rede social de cada uma das mulheres e permitiu também o estudo das relações sociais, promovidas com outras pessoas da família que auxiliou no processo migratório, bem como a análise do processo de auxílio de outras pessoas ligadas por sentimentos de pertencimento de serem do mesmo lugar e, portanto, auxiliarem aquelas que chegam, mesmo sem laços consanguíneos.

Figura 1: Mapa da Rede Social Pessoal Significativa



Fonte: Adaptado do modelo de Sluzki (1997).

Para Moré e Crepaldi (2012), o registro do mapa é estático e descritivo de um determinado momento ou situação vivenciada pela pessoa informante. Seu registro pode ser

enriquecido e analisado em profundidade por meio da exploração das diferentes características, funções e atributos da rede.

Assim, ao analisar as redes sociais, no processo migratório, é importante evidenciar a necessidade de como as características, as funções e os atributos da rede impactam as novas configurações familiares advindas do ato de adaptar a um novo ambiente (QUEIROZ, 2008). Em virtude da migração, a estrutura da família pode ser alterada (algumas famílias nucleares podem ser divididas, a situação socioeconômica pode tanto melhorar quanto piorar, o pai ou mãe podem perder emprego), a dinâmica familiar também sofre modificação mediante novos papéis e relações hierárquicas, assumidas pelos integrantes, e os valores familiares (segredos, mitos, crenças, dentre outros) têm um embate com os diferentes costumes e crenças da cultura na qual a família ingressa. Nesse sentido, a rede pessoal significativa pode ser avaliada em termos de características estruturais, observando-se os seguintes aspectos, de acordo com o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Características estruturais das redes sociais.

Especificidades das redes:	Características, funções e atributos
Características estruturais	Tamanho, densidade, composição, dispersão, homogeneidade/ heterogeneidade, atributos de vínculos específicos.
Funções	Companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços, acesso a novos contatos.
Atributos dos vínculos	Função predominante, multidimensionalidade, reciprocidade, intensidade (compromisso), frequência dos contatos e história.

Fonte: Adaptado de Sluzki (1997).

Quanto às características estruturais, tem-se que o *tamanho* se relaciona à quantidade de pessoas que constituem a rede. Segundo Sluzki (1997), as redes muito pequenas são menos efetivas em situações de sobrecarga ou tensão de longa duração, o que dificulta os contatos com a finalidade de poupar-se. Já uma rede extensa pressupõe que o “outro” está cuidando de determinado problema evitando-se, assim, a prontidão. Uma rede efetiva seria aquela com um tamanho médio de interações.

A *densidade* está relacionada com a qualidade da relação entre seus membros, em termos de influência que podem exercer. A *composição* é a posição que cada membro ocupa nos quadrantes. A distribuição entre todos os quadrantes auxilia as famílias migrantes na medida em que amplia a possibilidade de estabelecimento de várias redes, possibilitando uma melhor adaptação na cidade de destino. A *dispersão* é a distância geográfica entre a pessoa e os membros de sua rede. Nem sempre, a informante utiliza essa distância para demarcar o grau de proximidade, de forma que ele é subjetivo. Queiroz (2008) ressalta que os progressos recentes das tecnologias de comunicação, tais como *internet* e telefonia móvel, possibilitam o acesso intenso e altamente reativo a essas redes virtuais, tornando-as potencialmente sensíveis. A *homogeneidade/heterogeneidade* tem a ver com as variáveis como idade, sexo, cultura, nível socioeconômico, que evidenciam trocas e favorecimentos (MORÉ; CREPALDI, 2012).

No que diz respeito às funções dos vínculos estabelecidos na rede pessoal significativa, estas, no processo migratório, podem operar intensificação, restituição ou perda.

Configuram-se nos tipos predominantes de intercâmbios interpessoais característicos de vínculos específicos e nas combinações do conjunto dos vínculos, sendo que algumas funções se sobressaem, tais como:

Companhia social (realização de atividades conjuntas ou simplesmente estar juntos); *apoio emocional* (intercâmbios com uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, empatia); *guia cognitivo e conselhos* (proporcionam informações pessoais, sociais e modelos de referência); *regulação social* (reafirmam responsabilidades e papéis, permitem dissipação da frustração e da violência e favorecem resolução de conflitos); *ajuda material e de serviços* (colaboração financeira ou de serviços com especialistas, abrange os serviços de saúde); *acesso a novos contatos* (abertura de portas para novas conexões com pessoas e redes que até então não faziam parte da rede do indivíduo/família) (QUEIROZ, 2008, p. 36).

Por fim, os *atributos de cada vínculo* são as propriedades específicas de cada relação que avaliam : a *função predominante* ou combinação de funções de cada vínculo estabelecido; a *multidimensionalidade*, ou seja, quantidade de funções desempenhadas por uma mesma rede, no caso das domésticas – a indicação de trabalho e ajuda mútua; a *reciprocidade*, que se refere à existência de simetria nas redes, de modo que um indivíduo desempenha função equivalente a que recebe do outro, como é comum encontrar entre as domésticas ajuda financeira e conselhos; a *intensidade* que identifica o compromisso com a relação; a *frequência dos contatos*, de forma que quanto maior for a distância, maior é a necessidade de manter o contato ativo para manter a intensidade; e, finalmente, a *história* da relação, que revela desde quando as pessoas se conhecem, contendo fatores que estimulam a manutenção do vínculo.

Durante o procedimento de construção do Mapa da Rede Social, na oficina, um guia de perguntas foi orientado para dar suporte nessas características estruturais da rede das domésticas, com os seguintes tópicos: *quem são as pessoas da sua família, amigos próximos, amigos na comunidade e no trabalho que você pode contar para pedir ajuda financeira, indicar trabalho, ajudar com cuidados dos filhos, solicitar auxílio quando tiver um problema de saúde, pedir conselhos, conversar?* Nessa etapa da ação coletiva participativa, como salienta Moré e Crepaldi (2012), é importante resgatar que a pesquisa qualitativa lida com a construção de dados que trazem à tona sentidos e significados sobre eventos vitais, ancorados em histórias de vida. Assim, para a análise do Mapa da Rede Social foi realizada uma triangulação dos dados com base nas entrevistas em profundidade.

O Mapa da Rede Social, proposto por Sluzki (1997), consiste em um registro da rede social pessoal, por meio da representação gráfica, na qual estão inclusos todos os indivíduos que interagem. A rede social é dinâmica, identitária e histórica, além de ser um dos ingredientes responsáveis pela satisfação e realização da vida pessoal. A rede social é tanto uma fonte essencial, enquanto tradução de sentimentos de identidade, do dever ser, de competência e de ação.

Delinear a rede social significativa do indivíduo, segundo Prado (2006), ajuda a não o perder na imensidão da rede. Como a rede social é móvel, complexa e interligada, é praticamente impossível delimitá-la, por isso observa-se que o estudo foi de uma micro rede, que é parte de uma rede maior, que se liga a várias outras redes. Para isso, utilizou-se o modelo de rede social proposto por Sluzki (1997), um diagrama com todos os indivíduos

com quem uma pessoa interage, sistematizado em quatro quadrantes que identificam os principais grupos relacionais: familiares; amigos e conhecidos; relações de trabalho ou de estudo; e relações em organizações formais e informais – social, recreativa, religiosa, política, profissional e de saúde.

Esses quadrantes organizam-se tendo como referência o sujeito da pesquisa. Assim, o círculo mais interno representa o conjunto de relações íntimas, o círculo intermediário refere-se às relações pessoais com menor grau de compromisso e, por fim, o círculo mais externo representa o conjunto de relações ocasionais estabelecidas pelo sujeito com pessoas conhecidas. Com base na frequência dos contatos, identificada através das entrevistas e nos dados observacionais registrados no campo, alocando os vínculos nos círculos sugeridos por Sluzki (1997), classificamos em: forte (círculo interno), médio (círculo intermediário) e fraco (círculo externo).

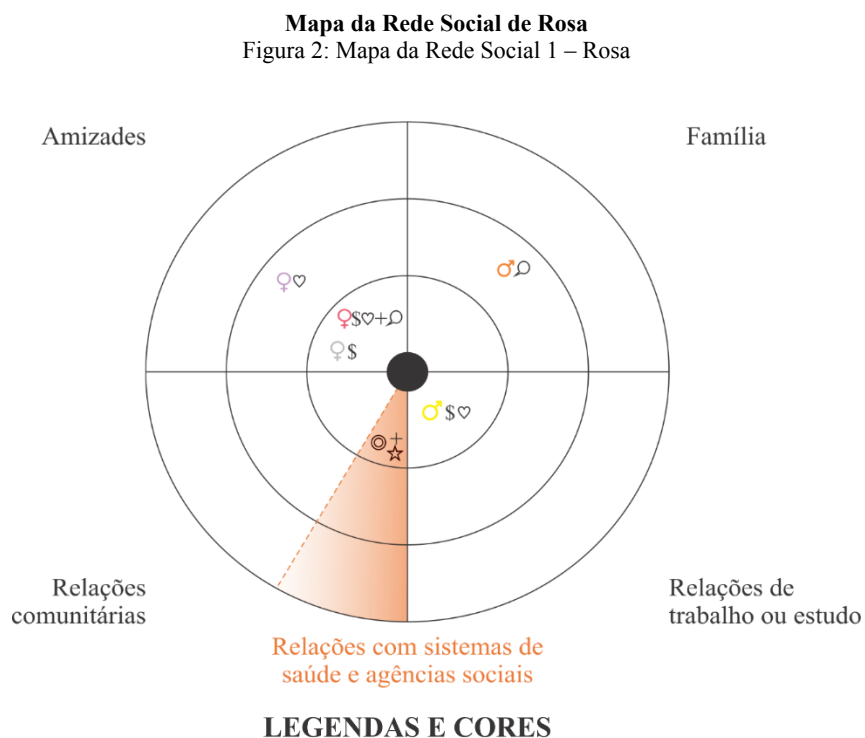
Em relação às características dos *nós* e dos *laços*, Portugal (2014) identifica quatro modelos de redes sociais possíveis: as redes encapsuladas, as redes seletivas, as redes abertas e as redes afinicas. A autora chama a atenção para que essa concepção enquanto são “tipo-ideais” (WEBER, 2004).

Nos três primeiros modelos o núcleo estruturante das redes são os laços de parentesco, sobretudo o parentesco restrito. Os laços fortes são construídos no interior da família mais próxima: nas *redes encapsuladas*, as relações limitam-se a esses laços; nas *redes seletivas*, aos laços de parentesco acrescem outros laços de afinidade construídos fora da rede familiar; nas *redes abertas*, o parentesco continua a ser referência afetiva fundamental, mas a rede abre-se a um leque mais vasto de relações constituídas por laços fortes e fracos. Apenas *as redes afinicas* não são dominadas pelas relações de parentesco. Neste tipo de rede o plano expressivo é mais importante que o instrumental na construção dos laços sociais. Não é a consanguinidade que funda o essencial das relações, mas sim os afetos e as afinidades (PORTUGAL, 2014, p. 210-211).

Assim, para a autora não há modelos “puros” quando se confronta com a realidade, pois cada pessoa sempre mantém relações entre dramas e tramas com outros, como será exposto adiante.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MAPAS DE REDE SOCIAL

Os mapas apresentados são fruto das análises realizadas das redes sociais individualizadas com cada participante da oficina, bem como, das narrativas nas entrevistas realizadas com essas mulheres migrantes domésticas.



Tipos de apoio:	Grupos:	Pessoas:	
\$ Apoio Financeiro	⦿ CRAS	♂ Irmão	♀ Mãe
★ Indicar Trabalho	⊞ UBS	♂ Filho	♀ Filha
♥ Cuidado com os Filhos	⛪ Igreja	♂ Pastor	♀ Irmã
+ Problemas de Saúde	Σ Colegas de Serviço	♂ Conhecido	♀ Sogra
⌚ Conselho, Conversar	△ Patrões	♂ Patrão	♀ Cunhada
		♂ Pai	♀ Avó paterna
		♂ Marido	♀ Amiga
			♀ Vizinha
			♀ Patroa

Fonte: FARIA (2019).

O Mapa da Rede Pessoal de Rosa apresenta-se com o quadrante **Amizades** como o mais significativo. Uma amiga fornece o apoio financeiro, o cuidado com os filhos, o auxílio quando ela tem problemas de saúde ou necessita de conselhos e conversas. A avó paterna ajuda com os cuidados com os filhos e a vizinha com recursos financeiros. Em relação à **Família**, o pai é a figura a quem recorre para pedir conselhos e conversar. Nas **Relações de Trabalho**, o patrão fornece ajuda financeira, através de vales (que são adiantamentos do

salário) e apoio nos cuidados com os filhos (geralmente esse apoio se reveste em ajuda material, fornecendo presentes, materiais escolares, etc.) que, na interpretação de Rosa, acaba contribuindo para a criação de seus filhos. Trata-se de uma rede social pequena, o que tende a gerar tensão e sobrecarregar uma amiga. Pela densidade, como é reduzida, torna-se ineficaz na resolução de conflitos e não permite haver mudanças.

A composição da rede social de Rosa está circunscrita a três membros com distribuição muito próxima a ela. Nota-se também a instituição Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), onde ela pode recorrer para buscar trabalho e ajuda para problemas de saúde. Essa falta de diversificação de contatos pode gerar menos possibilidades e opções para satisfazer suas necessidades e de sua família. Essa proximidade com uma instituição de Assistência Social pode fazer funcionar a rede como menos flexível, tornando-se ineficazes para gerir problemas do cotidiano, pois as pessoas acabam tendo uma dependência exagerada delas, diminuindo a possibilidade de ampliação de sua rede social.

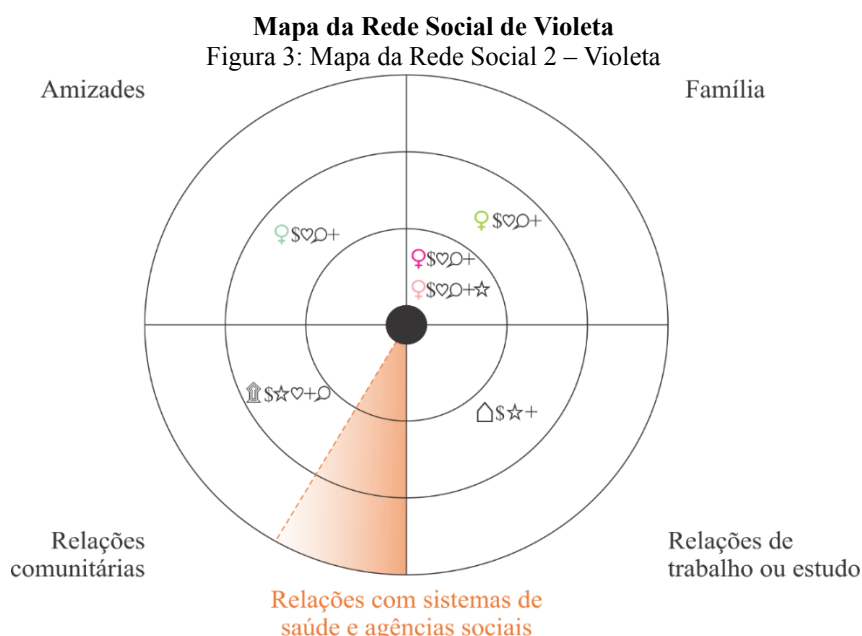
Em relação à dispersão, a maioria de seus contatos estão no círculo interno, ou seja, são próximos a ela. Essa indicação define a acessibilidade dela aos membros de sua rede e do CRAS. Quanto mais próximos, maior é a velocidade de resposta ao seu acionamento em função do tempo e do espaço.

Pelo Mapa da Rede Social de Rosa, observa-se a heterogeneidade de seus membros, entre eles: amiga, patrão, avó paterna, pai, vizinha. Estes possuem características sociodemográficas diferentes, variando idade, sexo, cultura, nível socioeconômico e diferentes espaços de sociabilidades. Entre as funções dessa rede social, percebemos que há a de companhia social (amiga), de apoio emocional e de guia cognitivo e de conselhos (pai), de regulação social (CRAS) de ajuda na resolução de conflitos, de ajuda material (amiga e vizinha) e de serviços (avó paterna). Entretanto, por ser uma rede restrita e muito próxima dela, seu acesso a novos contatos foi restrito.

As propriedades dos laços da rede social de Rosa baseiam-se em laços fortes (intensidade), positivos (identificação) e ativos (interação frequente). Quanto maior os conteúdos das relações (trabalho, moradia, ajuda nos cuidados, suporte na chegada ao destino, indicação para o trabalho), maiores serão os vínculos de reciprocidade, afetivos, de reconhecimento mútuo e solidariedade, com sobreposição, sendo possível que um laço tenha mais de um conteúdo. Os diferentes elementos da rede agem em diferentes papéis dentro da rede. Assim, a rede pessoal significativa de Rosa é restrita e, como os contatos são muito próximos, é de fácil acionamento.

Na caracterização da rede de Rosa, de acordo com Portugal (2014), trata-se de uma rede seletiva que não se encontra apenas circunscrita no parentesco e na família restrita, já que somente o pai foi citado no quadrante família e, segundo ela, a avó paterna enquadra-se no quadrante amizades. Embora o pai seja a pessoa de referência, existe uma rede construída pelas afinidades e não por consanguinidades. Para Rosa, a amiga, é: *“como se fosse da família”*. Essa característica das redes seletivas expressa-se pela multiplicidade de relações estabelecidas (parentes distantes, amigas e patrão). Sua densidade é baixa, devido aos laços fortes apresentarem-se como uma minoria no interior da rede. Quanto ao conteúdo, observa-se que parentes (embora a avó paterna esteja no quadrante das amizades) prestam apoio de conselhos e cuidados com os filhos. As amigas contribuem na socialização, nas conversas, nas trocas de informações, nas cumplicidades, no apoio financeiro e nos afetos. Trata-se de uma rede representativa do espaço geográfico urbano e com proximidade.

Ao mostrar-lhe o seu mapa da rede social ela, disse: “*Eu não tinha consciência das pessoas que me ajudam! Olhando assim, eu percebo que ser empregada doméstica e ter vindo embora para cá só foi possível com a ajuda dessas pessoas. Não sabia que podia contar com tanta gente, como estamos misturadas!*”. O mapa da rede social de Rosa sugere que “ter vindo embora” foi bom e que no lugar de destino tem pertencimento e acolhimento.



Fonte: FARIA (2019).

A participante Violeta foi a única que levou o filho pequeno, de oito meses para a oficina. Segundo ela, não teria com quem deixá-lo. A partir desse fato, podemos perceber que a **Família** é circunscrita às mulheres, tornando sua a sua rede significativa nesse quadrante. Sogra, mãe e irmã são os membros que compõem essa rede. Os tipos de apoio variam, entretanto, os cuidados com os filhos aparecem nos três quadrantes: Amizades, Família e Relações Comunitárias. Essa constatação reforça a tese de que as mães se apoiam em uma rede social mais ampla para ajudar na criação de seus filhos.

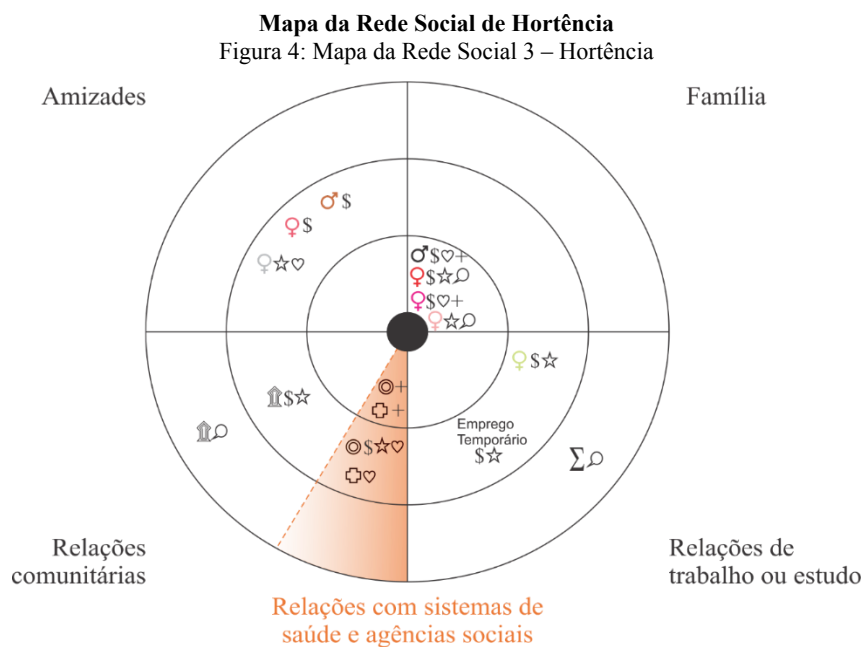
Igualmente, destacam-se, na família, a mãe e a irmã, com o suporte financeiro, cuidado com filhos, auxílio com problemas ligados à saúde e também com conselhos e apoio mental. E a irmã, na indicação de trabalho. Em relação ao quadrante **Amizades**, a cunhada ajuda em relação aos recursos financeiros, cuidado com os filhos, saúde e guia cognitivo de conselhos. Na **Comunidade**, Violeta recorre à igreja evangélica que frequenta para todos os tipos de apoio e suporte social. Quanto à **Relação no Trabalho**, os patrões são os preferidos quando o assunto é financeiro, indicação para trabalho e problemas com saúde. Percebe-se que Violeta tem uma rede alargada de entreajuda, como bem retratou durante as falas na oficina e na entrevista, tendo nos patrões um ponto de apoio, que segundo ela: *“é considerada como um membro da família”*. A igreja evangélica é a instituição que aparece como espaço social de acesso para resolver conflitos, regulação social e neutralizar desvios de comportamentos.

A distribuição e dispersão da rede de Violeta pode indicar que se trata de uma rede não tão restrita, devido ao caráter heterogêneo, com relação de parentesco próximo (mãe e irmã) e tendo, como intermediário, o apoio da sogra, dos patrões e da cunhada. Para Moré e Crepaldi (2012), as redes de maior efetividade são as de tamanho médio e com diversificada qualidade de pessoas e relação. Pelo mapa da rede social de Violeta, o quadrante **Família** é o mais significativo, demonstrando a solidariedade e entreajudas familiares, que, segundo Vasconcelos (2002), funciona com base em redes de parentesco que trocam entre si bens e serviços. Na realidade, as solidariedades familiares têm uma importância não só na economia das famílias, como também nas suas vidas cotidianas e trajetórias sociais.

Quanto aos laços da rede social de Violeta, têm-se laços fortes (intensidade), positivos (identificação), ativos (interação frequente) e multiplexidade (pluralidade de conteúdos). Assim, esta rede social pessoal, em um ciclo vital de aquisição familiar, exemplifica a relevância das redes para o desenvolvimento dos sujeitos, principalmente no que diz respeito ao apoio recebido e percebido sob diferentes conteúdos de apoio social. Em termos de sobreposição, é possível que um laço tenha mais de um conteúdo, com diferentes elementos da rede agindo em diferentes papéis dentro da rede.

A rede de Violeta é centrada no parentesco restrito, o que a configura como uma rede encapsulada, fechada (DECIMO, 1998). Os laços de parentesco com mãe, irmã e sogra estabelecidos são fortes. Nesse tipo de rede, as pessoas não têm amigos, não há trocas, apoio, sociabilidade com membros exteriores à rede e que não seja do núcleo familiar. O familismo é forte, com altas trocas nos planos materiais (ajuda financeira, indicação para trabalho) e de serviços (cuidados com filhos, conversas) e no campo afetivo e de sociabilidade. O parentesco impõe-se na totalidade. Uma característica da rede de Violeta é que é constituída basicamente por mulheres, as quais, geralmente, possuem nível de qualificação formal baixo, empregam-se em postos desqualificados, são residentes de zonas rurais ou periurbanas. Sua densidade é baixa já que não há relação com indivíduos exteriores, o que lhe confere uma dimensão reduzida. Redes desse tipo são bem integradas, com forte interação, fazendo circular a informação, com forte presença da dádiva (dar-receber e retribuir), proporcionando sociabilidades e convívio familiar.

Ao visualizar seu mapa, Violeta, ratificou: *“A família apoia a gente, a nossa vinda para cá, eu tive todo apoio da minha família e hoje eu sei que posso continuar contando com eles”*. Violeta visualiza a migração como triunfo, ou seja, como algo almejado dentro do núcleo familiar e realizado com o apoio da família. A migração torna-se uma realização não somente dela, mas de toda a família.

**Tipos de apoio:**

- \$ Apoio Financeiro
- ★ Indicar Trabalho
- ♥ Cuidado com os Filhos
- + Problemas de Saúde
- ⌕ Conselho, Conversar

Grupos:

- ⊙ CRAS
- ⊕ UBS
- ⌕ Igreja
- Σ Colegas de Serviço
- △ Patrões

Pessoas:

- | | |
|-------------|---------------|
| ♂ Irmão | ♀ Mãe |
| ♂ Filho | ♀ Filha |
| ♂ Pastor | ♀ Irmã |
| ♂ Conhecido | ♀ Sogra |
| ♂ Patrão | ♀ Cunhada |
| ♂ Pai | ♀ Avó paterna |
| ♂ Marido | ♀ Amiga |
| | ♀ Vizinha |
| | ♀ Patroa |

Fonte: FARIA (2019).

O mapa da rede social de Hortência apresenta diversificados membros significativos, em um total de oito pessoas. Entre as pessoas do quadrante **Família** estão: marido, mãe, filha e irmã. Nas **Amizades**, encontram-se: a vizinha, uma amiga e o pastor da igreja. Essa característica pode indicar que o convívio com o pai seja distante e, portanto, ela não o considera como da família. Nas **Relações Comunitárias**, aparecem a Igreja evangélica, o CRAS e a Unidade Básica de Saúde (UBS). Quanto às **Relações de Trabalho**, surgem: a patroa e as colegas de serviço. É a única participante com emprego temporário em um *bufett* para ajudar na complementação da renda familiar, durante os finais de semana, trabalhando como garçonne.

Nas entreajudas percebidas na rede pessoal de Hortência estão entre os membros da família o marido e a filha, que contribuem com ajuda financeira, cuidado com os filhos e assuntos relacionados à saúde. A mãe ajuda com recursos financeiros, indicação de trabalho e guia cognitivo de conselhos e conversas. À irmã, ela recorre quando precisa de indicação

de trabalho e conselhos. A figura do pastor com ajuda financeira é um traço peculiar da rede pessoal de Hortência. Igualmente, a amiga é acionada para assuntos financeiros. Cabe à vizinha a indicação para algum trabalho e cuidados com filhos(as).

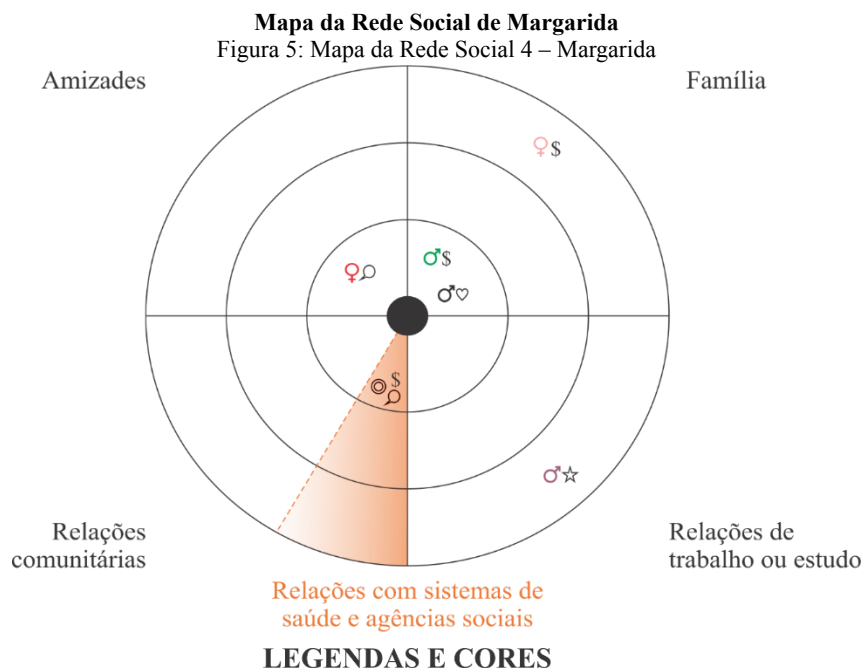
Nas relações comunitárias, surgiram a igreja evangélica como indicadora de trabalho, guia cognitivo de conselhos e conversa e ajuda financeira. Importante notar que a igreja foi vista tanto como muito próxima quanto muito distante. Hortência avalia seu apoio pela igreja a depender de suas necessidades e, nesse caso, quando lhe é pertinente em situação de agravo financeiro, mais do que em pedido de conselhos. Nas relações de trabalho, a patroa figurou-se como entreajuda financeira e indicação de trabalho. Isto reforça a tese “das amigas da patroa”, com as patroas movendo essas redes de indicação e confiança do trabalho doméstico. As colegas de serviço são os grupos de domésticas, em que se negociam as regras do jogo do trabalho, através de informação, conselhos e conversas. Dado peculiar é o emprego temporário que ela mantém durante os finais de semana, trabalhando como garçonete em um *bufett*. Isso garante uma renda extra e indicação para outros empregos, mas acaba por confiná-la ao trabalho doméstico.

O CRAS, como política pública, é acionado como mais próximo para problemas de saúde e pouco próximo para ajuda financeira, indicação de trabalho e cuidados com filhos. A UBS (Unidade Básica de Saúde) tem proximidade em relação aos problemas de saúde e à distância em ajuda com cuidados com filhos. Portanto, na rede pessoal de Hortência, revelaram-se ajudas de serviços das agências sociais governamentais para suprir o bem-estar de sua família.

Quanto às características estruturais do mapa da rede social de Hortência, cabe destacar o tamanho: quatro membros do núcleo íntimo e familiar. Há baixa densidade entre os quadrantes, podendo não ser efetiva em função de que já se tem muitas pessoas próximas e deixando “o outro” a cargo de resolver algum problema. Verifica-se uma rede restrita à família, de fácil acionamento e com forte presença feminina. Quanto à sobreposição, é possível que um laço tenha mais de um conteúdo. Os diferentes elementos da rede agem em diferentes papéis dentro da rede.

A rede de Hortência configura-se como uma rede marcada pelas relações de parentesco e aberta para uma ampla variedade de relações, sobretudo, amizades. Esta rede conta com uma variedade de contatos, do tipo com quem se passa pouco tempo (como o pastor) que, no entanto, não deixam de ser importantes. Os laços de sociabilidade (festas, cultos, encontros, etc.) podem não configurar uma presença forte, mas têm valor expressivo pelas amizades. Esses laços fracos desempenham papel instrumental na busca por trabalho, cuidados com a saúde e bens materiais. Portanto, sua dimensão e densidade são elevadas. Observa-se que, na rede de Hortência, há ligações fortes e fracas com algumas instituições, como o CRAS, a UBS e a Igreja devido a sua trajetória pessoal e profissional, que é uma característica das redes abertas, o que faz com que se amplie sua rede de conhecimentos, assentadas no meio urbano e com relação de proximidade.

Ao visualizar seu mapa de rede social, Hortência, admirada, disse: “*Essas pessoas a gente convive o dia inteiro e nem pensa que elas é que são importantes para gente, muito bom saber e ver quem são elas!*”. O mapa da rede de Hortência demonstra aspectos importantes no processo da migração: a atuação de outras mulheres domésticas que auxiliam na busca do mesmo trabalho, a necessidade de políticas públicas nos locais de moradia, bem como a importância do sagrado no cotidiano das relações estabelecidas.

**Tipos de apoio:**

- \$ Apoio Financeiro
- ★ Indicar Trabalho
- ♥ Cuidado com os Filhos
- + Problemas de Saúde
- ⌘ Conselho, Conversar

Grupos:

- ⊙ CRAS
- ⊕ UBS
- ⌋ Igreja
- Σ Colegas de Serviço
- ⌋ Patrões

Pessoas:

- ♂ Irmão
- ♂ Filho
- ♂ Pastor
- ♀ Conhecido
- ♂ Patrão
- ♂ Pai
- ♂ Marido
- ♀ Mãe
- ♀ Filha
- ♀ Irmã
- ♀ Sogra
- ♀ Cunhada
- ♀ Avó paterna
- ♀ Amiga
- ♀ Vizinha
- ♀ Patroa

Fonte: FARIA (2019).

A fim de proporcionar visualização e entendimento das relações de Margarida, discutimos o Mapa de sua Rede Social pessoal. Diante disso, o que nos chama atenção é a dispersão tanto no quesito próximo quanto distante. Nas suas relações próximas, constatam-se a presença do marido e do filho no quadrante **Família** e de amiga no quadrante **Amizades**. Nas **Relações Comunitárias**, destaca-se o CRAS. Em relação à proximidade, a irmã no quadrante **Família** e um conhecido do quadrante **Relações de Trabalho** que se distinguem quanto à pouca interação e sendo pessoas com “*quem se pode contar*”, conforme narra na entrevista.

Quanto aos conteúdos de sua rede social, Margarida conta com o filho para ajuda financeira e com o marido para cuidado com o filho. E a irmã, embora tenha laços passivos de pouca interação, é vista como alguém a quem pedir alguma ajuda financeira, evidenciando grau de intimidade tênue. Há, na amiga, um guia cognitivo de conselhos e conversa, exercendo a função de apoio emocional. Entretanto, a rede de Margarida é restrita,

indicando fragilidade e pouca dispersão. Isto a sobrecarrega, já que tem reduzida rede de apoio social para sustentação efetiva e estrutural.

O tamanho da rede de Margarida gira em torno de três pessoas. Na visão de Moré e Crepaldi (2012), redes muito pequenas são menos efetivas em situações de sobrecarga ou tensão de longa duração. Margarida tenta, na verdade, evitar recorrer aos contatos, com a finalidade de poupá-los. A densidade da rede é baixa, no entanto, por ser maior entre o marido e o filho numa rede de parentesco, ela é considerada maior. Há pouca homogeneidade de membros na rede de Margarida, impossibilitando trocas ou evidências de tensões.

As propriedades dos laços da rede social de Margarida baseiam-se em laços fortes (intensidade), positivos (identificação), ativos (frequência) e passivos (interação regular). Quanto à sobreposição, é possível que um laço tenha mais de um conteúdo, como a instituição CRAS, que fornece apoio financeiro e guia cognitivo de conselhos e conversas. Os diferentes elementos da rede não agem em diferentes papéis. Todos apresentam função de auxílios bem definidos, segundo Margarida. Assim, a rede pessoal significativa de Margarida é restrita e como os três contatos são muito próximos, é de fácil acionamento, circunscrita no seu círculo familiar.

A rede de Margarida é voltada para as relações de parentesco, uma rede encapsulada. Desse modo, ela estabelece no seu interior laços fortes com o filho e o marido e laços fracos com a irmã. A presença de um conhecido para indicar trabalho é característica dessa rede, já que as pessoas não têm muitos amigos. A única amiga que ela relatou funciona mais no plano afetivo de conversas e conselhos. Sua relação com os membros familiares acaba por a isentar de relações exteriores ao parentesco. De acordo com Portugal (2014), redes de pequenas dimensões e baixa densidade são orientadas para a relação intergeracional, que acabam tendo a maioria dos apoios necessários. A rede de Margarida tem três membros no quadrante **Família**, sendo que dois com laços fortes, intergeracional (filho) e a irmã com laços fracos, a quem se recorre para apoio financeiro.

Ao vislumbrar seu mapa da rede social, taxativamente, disse: *“A gente só vive no meio de gente que não tem tempo, a gente não tem tempo de construir amizades... Não fiz amizades nenhuma, não dava! Agora, vendo esse mapa, eu vejo que sou muito sozinha, né?”*. O mapa da rede de Margarida, promove a compreensão da migração com o objetivo da constituição da família nuclear e, ao realizar tal sonho, acalentado pelas mulheres rurais, um marido, um filho e um trabalho, elas vivem entre tarefas e poucos sonhos, não demonstrando grandes objetivos para futuro e vivenciando mais as vidas ao redor, do marido e filho, do que a sua própria.

Entretanto, quando se considera a formação e manutenção da rede de Magnólia, observa-se que a mulher é a maior responsável pela rede social. Quanto às características dos laços da rede de Magnólia, chama atenção a intensidade (maior parte dos contatos no círculo interno), a identificação (positivos) e ativo (frequência) e os tipos de funções. Quanto mais próximos de Magnólia, maiores são os tipos de apoio recebidos por ela.

O apoio institucional apareceu nas **Relações Comunitárias**, com a igreja evangélica como guia cognitivo de conselhos e conversas. Essa característica é apontada por Moré e Crepaldi (2012): quanto mais fechadas as redes e circunscritas à família, mais forte é o apoio institucional do campo da religião. Quanto ao papel do Estado, ela cita a UBS do bairro para problemas de saúde. Embora tenham apontado poucos contatos de amizade, faz referência a vínculos na comunidade.

Finalizando, nas **Relações de Trabalho**, Magnólia apontou forte vínculo com colegas de serviço, sobretudo para indicação de trabalho, conselhos e conversas. Isto sinaliza que Magnólia é membro de uma rede de domésticas e que essa rede é eficiente na capacidade de dar resposta a diferentes expectativas e necessidades. Nessa lista, há também a relação com a patroa que ela classificou no circuito externo, embora recorra a ela para indicar trabalho e para ajuda financeira. Esse dado pode indicar que Magnólia não vê a patroa como pessoa significativa de sua rede, já que sua rede é puramente afetiva e ela consegue distinguir a relação com a patroa como uma relação econômica e trabalhista.

A rede de Magnólia expressa-se como rede aberta, marcada pelo familismo e pelo parentesco restrito, mas aberta às relações fortes e fracas com amizades, de trabalho e comunitárias. Observamos laços fortes com o filho, a filha e o marido, e laços fracos com a mãe e a sogra. Nota-se que parentes são os principais mantenedores dos apoios materiais e dos afetos, embora, nas redes abertas, a disponibilidade de pontos de apoio material e emocional seja alargada. No quadrante amizades, notou-se laços fortes com a vizinha e os laços fracos com a amiga. Com a vizinha mantém apoio nos serviços de cuidados com os filhos e de saúde. Com a amiga, os apoios recebidos são os de guia cognitivo de conselhos e conversas e indicação para o trabalho. Isto faz com que Magnólia tenha uma rede de acessos mais vasta e com diferentes apoios recebidos e percebidos. Trata-se de uma rede próxima e urbana.

A rede pessoal significativa de Magnólia é composta por oito membros e dois apoios institucionais, de fácil acionamento, restrita à família. Ao enxergar seu mapa da sua rede social, disse-nos: “*Tem que saber dá valor a família e aos amigos, né?*”. No mapa da rede social de Magnólia, aparece uma das características fundamentais no processo migratório: a rede de reciprocidade entre mulheres na busca e auxílio por emprego doméstico. Nota-se também que essa rede para a Magnólia é baseada em valores afetivos consanguíneos ou não.

No quadrante relações com Sistema de Saúde e Agências Sociais, chamam atenção, nessa rede, os apoios institucionais do CRAS e da UBS nos apoios recebidos para problemas de saúde e agenciamento de empregos com a indicação para trabalho (**Relações Comunitárias**). Isto indica que há uma resistência de adaptação ao lugar de destino, tornando a rede de Íris restrita à família, amigos e apoiando-se em serviços especializados de saúde e sociais. De maneira negativa, a falta de pertencimento contribui para estabelecer uma relação positiva com o local de destino. Uma rede muito fechada no círculo familiar e afetivo acaba tornando Íris muito dependente, consequentemente, tendo dependência exagerada delas, enfraquecendo a ampliação de sua rede social e acesso a novos contatos.

Assim, a rede mínima de Íris pode indicar menos efetividade em situação de tensão (saudades, falta de adaptação, falta de convivência, preocupação, etc.) e sobrecarga por muito tempo, devido a ela ser restrita, de fácil acionamento e fechada. Segundo Moré e Crepaldi (2012), as redes muito localizadas são menos flexíveis e efetivas e geram menos opções de apoio e de sociabilidade que as redes de distribuição mais ampla.

Na análise dessa rede, a contribuição dos membros do gênero feminino, ligados por consanguinidade, evidencia as influências culturais e hierárquicas, em que o apoio recebido e percebido está voltado para a rede de sociabilidade da família, por meio da confiança entre mulheres. Como seria de esperar, são as pessoas com quem estabelece uma relação de maior intimidade, as que assumem mais funções.

Verifica-se, na rede de Íris, uma rede que não é estruturada na família. Os laços fortes dessa rede estabelecem-se no trabalho. Quando se analisa pelas relações de trabalho, segundo Portugal (2014), “o que prevalece não é o laço de consanguinidade, mas o laço de afinidade”. Aqui, representado pelos colegas de trabalho e os patrões. Em relação aos conteúdos, os apoios recebidos em relação à família são reduzidos, o contato, igualmente, menor, fazendo com que o apoio familiar seja limitado. A rede de Íris é dispersa, há poucos membros e, mesmo mantendo laços fortes com colegas de trabalho e com os patrões, o apoio no plano afetivo não se traduz em eficiência, tornando-a isolada emocionalmente. Portanto, nessa rede, observamos uma densidade e dimensão bem reduzidas, já que Íris diz não ter: “*nem meia dúzia de amigos*”.

A rede de Íris é ancorada na amiga que contribui com o apoio na indicação de trabalho. Também, nessa rede, o trabalho (colegas de serviço, patrões, agência de emprego) é marcante, talvez por ter migrado sozinha, a possibilidade de manter-se a fez construir sua rede calcada nele. Dessa forma, sua rede é orientada para o plano instrumental.

Quando interrogada sobre a ação de dar e receber, fica claro na sua narrativa a ausência de reciprocidade: “*Nesse momento, eu pouco posso ajudar... Eu preciso é que os outros me ajudem*”. O mapa social da rede de Íris proporciona a análise de como o processo migratório é dinâmico e modifica valores e costumes entre o lugar de origem, rural e o lugar de destino: urbano. Íris apoia-se em quem pode oferecer apoio e, portanto, a rede que se estabelece está direcionada para os fins e de forma racional.

“POR DENTRO DA REDE”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelaram a configuração familiar e a rede pessoal significativa social das domésticas migrantes que foram produzidos pelos Mapas de Redes Sociais, por sua vez, co-construídos com elas. Reflete-se que o estudo se deparou – através de encontros, falas e o

conviver – com uma categoria social que constituem uma classe social complexa e o processo migratório que não deve ser analisado como algo individual, mas como um problema fundamental de uma estrutura social.

As narrativas, na atividade da oficina e depois nas entrevistas em profundidade, eram recortadas e agrupadas aos dados obtidos nos Mapas de Redes. Como vimos, as redes construídas são compostas pelo núcleo familiar de origem rural. As participantes relataram que, durante o processo migratório, sofreram influência da rede social, principalmente da família. Constatamos que as morfologias dessas redes apresentaram: duas redes encapsuladas, duas redes abertas, uma rede seletiva e uma afínica. Nesta análise, o tipo de rede de Íris é diferenciado em relação aos demais, pela centralidade do trabalho. Outra diferenciação deu-se nas redes abertas que seriam compostas basicamente do sexo masculino, como evidenciou Portugal (2014), em seu estudo sobre redes sociais em Portugal. Encontramos, neste estudo, redes abertas do sexo feminino.

Percebeu-se que os apoios se configuram em ajudas, dádivas, reciprocidade, como forma de sentimentos de gratidão e valores. A configuração familiar é bem heterogênea de modo que não há um só tipo de organização familiar. Chama a atenção a dimensão de gênero, pela presença acentuada das mulheres na tessitura dessas redes. A categoria trabalho apresenta-se como fundamental para analisar as redes pessoais e as figuras de patrões/as e das colegas de serviço que estiveram presente na maioria dos mapas.

O apoio recebido é percebido como a garantia de inserir-se em uma rede e participar da sua formação, manutenção e configuração. A ênfase no aspecto financeiro ocorreu na maioria dos mapas, sendo apresentado como o tipo de ajuda mais comum entre parentes e pessoas mais próximas. Como a migração resulta em uma reorganização qualitativa, tanto em nível psicológico, social e, portanto, comportamental, neste processo, algumas mulheres abordadas na pesquisa precisaram de ajuda familiar para julgarem se a migração era viável para, então, criarem seu projeto migratório. São essas experiências anteriores, quando positivas, que contribuem para manter o capital migratório e obter sucesso.

O mapa de rede social revelou-se um desafio para a compreensão sociológica, foi necessário cruzá-lo com entrevistas em profundidades e a análise das atividades da oficina. Observou-se pelos mapas das redes sociais que não há uma tipologia prevalecente de rede, o que existem são modelos oriundos de conformações, baseados em ajuda mútua, apoio recebido e percebido, arranjos familiares, formando o suporte para a fixação dessas mulheres na cidade. Os mapas construídos demonstram que a constituição das redes acontece no pertencimento, no lugar de origem, na constituição da viagem para o lugar de destino em grupo ou na solidariedade do encontro no lugar de destino, na expectativa da “melhoria de vida”, através do trabalho doméstico. O compartilhamento de dificuldades e apoio, no enfrentamento delas, fortalecem as redes e facilitam sua ampliação.

Os mapas sociais das redes apresentadas demonstram também que o fator idade é importante para a compreensão do fenômeno migratório. As mulheres mais velhas mostram nas suas redes maior necessidade de apoio da família e da religião, as mulheres com menos idade são movidas mais pelas redes de amizades que possam auxiliar na busca de trabalho e no bem-estar mental. Todos os mapas apresentados apresentam também relações de trabalho, não muito claras.

As relações entre patrões/as e empregadas, por vezes, são vistas como próximas ou amigas, outras vezes como as empregadoras serem o apoio financeiro. Quando questionadas

sobre uma relação baseada em direitos trabalhistas, as respostas são vagas e dúbias. As antigas formas de trabalho existentes na região entre “trazer para suas casas meninas do meio rural para ajudar no serviço doméstico” foi o passado de muitas das entrevistadas, daí um grande receio em narrativas mais claras e objetivas sobre o tema do trabalho formal. Muitas indagações e questionamentos são possíveis de serem analisados através dos mapas, esse foi um exercício para que essa ferramenta metodológica seja mais utilizada nos trabalhos sobre o fenômeno migratório.

Espera-se, assim, que essa experiência de aplicação de Mapas de Redes Sociais em oficina com domésticas migrantes possa auxiliar na pesquisa de gênero, migração e direitos humanos, permitindo destacar o abismo entre a academia (universidade) e esse grupo social (trabalhadoras domésticas – contra a hegemonia de subalternizar grupos vulneráveis da nossa sociedade). De modo similar, avivar as potencialidades da Análise de Redes Sociais e que não se limite a trabalhar apenas de maneira metafórica e quantitativa, focalizando, igualmente, a triangulação de dados e novos *design* de pesquisas quanti-qualitativas nas Ciências Sociais, para que os saberes e vivências sejam fonte de conhecimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARDINO-COSTA, J. Migração, trabalho doméstico e afeto. **Cadernos PAGU**, Campinas, v. 39, n. 1, p. 447-459, jul./dez. 2012.
- BURAWOY, M. For public sociology. **American Sociological Review**, Chicago, 2005, v. 70, p. 4-28, 2005.
- DECIMO, F. Living the city the urban integration of Somali women in Naples. In: FERREIRA, V.; TAVARES, T.; PORTUGAL, S. (orgs.). **Shifting bonds, shifting bounds women, mobility and citizenship in Europe**. Oeiras: Celta Editora, 1998. p. 253-259.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- FARIA, G. J. A. “**Uma mais uma é sempre mais que duas**”: configurações e dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes. 292 f. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros, 2019.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FONSECA, G. S. **Migrações da mesorregião Norte de Minas/MG: análises do Censo Demográfico de 2010**. 310 f. 2015. Tese (Doutorado em Geografia – Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- GRIECO, E. M.; BOYD, M. **Women and migration: incorporating gender into international migration theory**, 2003.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- LEAL, B. Oficina. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE [online]**, Brasília, n. 6/7, p. 69-75, maio 2006/abr. 2007.
- MARINUCCI, R. Feminização das migrações. **REMHU**, Brasília, v. 15, n. 29, p. 5-22, 2007.

- MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. **In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**, Aracaju. Atas do CIAIQ 2015, v. 3: Atas - Investigação Qualitativa nas Ciências Sociais, Aracaju, 2015. p.126-131.
- MORÉ, C. L. O. O. CREPALDI, M. A. O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 84-98, ago. 2012.
- OST, F. **Contar a lei**: as fontes do imaginário jurídico. Tradução de Paulo Neves. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- PORTUGAL, S. **Famílias e Redes Sociais ligações fortes na produção de bem-estar**. Coimbra: Edições Almedina, 2014.
- PRADO, A. E. F. A. **Família em trânsito**: tecendo redes sociais. 180 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- QUEIROZ, A. H. de. **Migração familiar**: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas. 165 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- REZENDE, C. A. da S. Análise de redes sociais: o método e sua utilização nas Ciências Sociais brasileiras. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 56, n. 1, p. 94-103, 2020.
- RODRIGUES, M. B.; ALFONSO, L. P.; RIETH, F. M. S. Ações participativas com trabalhadoras domésticas fomentando debates para visibilizar a profissão desde o passado escravista até a atualidade em Pelotas/RS. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 3, n. 4, p. 8-29, out./ dez. 2017.
- SILVA, M. K., & ZANATA JUNIOR, R. “Diz-me com quem andas, que te direi quem és”: uma breve introdução à Análise de Redes Sociais. **Revista USP**, São Paulo, n. 92, p. 114-130, 2012.
- SIMMEL, G. **Cuestiones Fundamentales de Sociologia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002.
- _____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**, alternativas sistêmicas. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 1997.
- SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia e Sociedade**, Recife, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014.
- VASCONCELOS, P. Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. **Análise Social**, Lisboa, v. 37, n. 163, p. 507-544, 2002.
- WEBER, M. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.